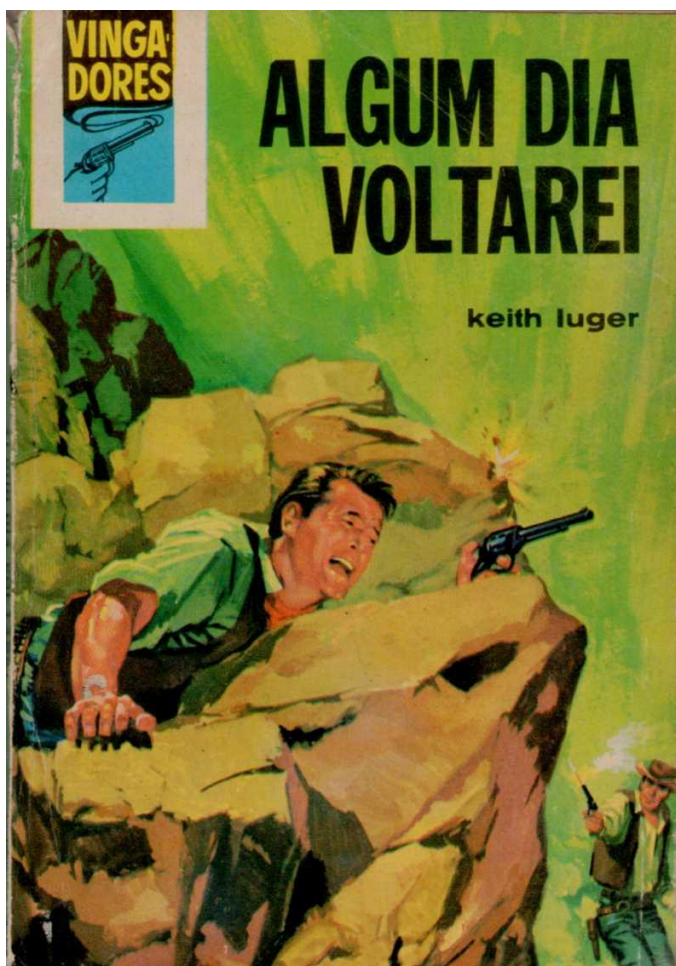


Algum Dia Voltarei

Keith Luger



Resumo:

Dez anos volvidos, Mike Garland volta a Safford para vingar a morte de seu irmão, enfrenta a família Murray, a mais poderosa e violenta da pequena cidade. Sendo porém um homem de bem e de valores, Mike partiu com sua amada, sem destino... Não interessava para onde, desde que fosse com Betsy.

Disponibilização: Luka
Digitalização: Marina
Revisão: Ana Marques
Formatação: Edina



CAPÍTULO 1

A caravana, composta por sete carroças, entrou na rua principal de Safford e parou frente ao armazém de Isaías Smith.

Três cavaleiros desmontaram e dois outros homens desceram de uma carroça. Haviam combinado fazer a parada para comprar mantimentos e essa era a razão de os cinco emigrantes estarem reunidos. Entraram no armazém.

Minutos depois, vindo em direção contrária à da caravana, uma menina de doze anos, dirigindo uma charrete, se aproximou do armazém também. Atrás dela, cinco cavaleiros entre risos e exclamações, entraram no mesmo armazém.

Um garoto de quinze anos se afastou de uma das carroças e com as mãos nos bolsos, chutando as pequenas pedras que encontrava no caminho, aproximou-se da charrete da menina. Levantou o olhar e olhou para a garota. Esta, quando notou que era observada, levantou o queixo altivamente, mas logo voltou o olhar para ver se ainda era observada.

Mas o rapazinho já se interessara por um cavalo castanho que estava amarrado ao poste em frente ao armazém, junto com outros quatro.

Um rapaz forte, de olhos negros e barba ruiva, saiu do armazém e chamou:

- Ei, Betsy! Venha cá!

A menina da charrete obedeceu e entrou no armazém, reaparecendo pouco depois com uma porção de latas de conserva em seus braços. Mas ao sentir que era observada novamente, ficou nervosa e tropeçou ao descer a calçada, derrubando o que levava nos braços.

O rapazinho, então, aproximou-se e se apressou a oferecer ajuda.

- Quer que as coloque na charrete? - indagou. Betsy, com as faces coradas, assentiu com movimentos de cabeça.

O rapazinho colocou as latas na charrete e regressou para junto de Betsy, que não saíra de onde estava.

- Meu nome é Mike - disse o garoto.

- Chamo-me Betsy.

- Eu já sabia. Ouvei quando ele a chamou. É seu irmão?

- Não.

Houve um silêncio, que Mike rompeu quando indagou:

- Mora aqui, Betsy?

- Não - respondeu ela. - Moro no rancho "Três Colinas".

Mike fez uma expressão de admiração.

- Deve ser ótimo ser dona de um rancho - disse.

Betsy o fitou de soslaio, indagando:

- Ficaré aqui?

Mike respondeu, dando a entender que não gostava do lugar para onde iam.

- Não. Temos que ir para o vale de São Francisco, na Califórnia. Todos os que estão nessa caravana compraram terras lá quando estavam em Santa Fé.

- Seu pai também comprou?

- Não tenho pai. Meu irmão Johnny toma conta de mim. Está no armazém.

A voz de Betsy denotou um certo desencanto.

- Então são agricultores... ?

Mike a olhou fixamente e indagou:

- E isso é pecado?

Betsy deu um muxoxo, retrucando:

- Aqui, não olhamos os agricultores com bons olhos. É terra de gado. Já houve muitas lutas entre os agricultores, mas ganhamos todas elas.

Mike sorriu ao comentar:

- Ouvi dizer que farão algumas leis para acabar com essas brigas.

- Safford será sempre nossa - declarou Betsy com firmeza.

O rapaz forte, de barba ruiva, saiu do armazém transportando uma caixa e se deteve ao ver Betsy conversando com Mike.

- Que está fazendo, Betsy? - indagou. A menina estremeu, sobressaltada.

- Nada, Jeff - respondeu.

Jeff deixou a caixa na charrete e se aproximou de Mike.

- Que está fazendo aqui? - indagou.

- Espero o meu irmão, que está lá dentro.

- Ah... E enquanto isso fica de conversa com Betsy. Está muito adiantado para a idade que tem. Aposto que pensa que já é um homem, como todos os de sua ralé.

Mike engoliu saliva e protestou:

- É verdade que eu conversava com Betsy, mas acho que isso não tem nenhum mal.

- Não, hem? - Jeff fez uma pausa, exclamando em seguida: - Você é um lavrador sujo!

- Não tem o direito de me insultar!

- É mesmo? Pois então tome isso! Levantou o braço e desfechou o punho contra o rosto de Mike, mas este se agachou com a rapidez de um raio e o seu agressor, ao errar o golpe, caiu ao chão.

Betsy retrocedeu, levando as mãos ao rosto.

- Vá embora, Mike! - gritou. - Corra! Mike não correu.

Jeff se levantou furioso.

- Vou lhe dar uma lição - vociferou, avançando para Mike.

- Por que demônios ficou assim? - inquiriu Mike. - Não lhe fiz nada...!

Mas Jeff não atendia mais à razão.

E teve mais cuidado ao arremessar o punho contra o rosto de Mike. Este tentou se esquivar novamente, mas não conseguiu.

O murro de Jeff o pegou no estômago, e ao se abaixar, respirando com dificuldade, Jeff lhe acertou uma direita no queixo, que fez Mike cair sem sentidos.

Jeff, com as pernas entreabertas, olhou sorrindo para o garoto caído.

Betsy exclamou:

- Não devia ter feito isso! Ele disse a verdade. Até me ajudou a colocar as latas na charrete.

- Cale-se! - ordenou Jeff.

Três homens da caravana, que tinham entrado no armazém, saíram. Viram Mike caído no chão e ficaram surpresos.

- Que aconteceu? - indagou o rapaz de vinte e cinco anos, de cabelos louros e feições simpáticas.

Jeff se voltou para eles, retrucando em tom Jactancioso:

- Que têm vocês com isso?

- Muita coisa - respondeu o rapaz louro. - Esse garoto é meu irmão.

- Ah, é seu irmão, hem? - retrucou Jeff. - Então, como pode ver, eu lhe dei uma pequena surra.

- Covarde! Não vê que... Não terminou a frase.

Jeff sacou o revólver e começou a atirar. Um, dois, três tiros romperam a tranquilidade de Safford.

O irmão de Mike e os dois outros homens que o acompanharam caíram irremediavelmente mortos.

Mike, que já se recuperara, com o sangue escorrendo pelos lábios, foi testemunha da horrível matança.

- Assassino! - gritou.

Jeff se voltou de repente, disposto a apertar mais uma vez o gatilho de seu revólver. Mas Betsy se interpôs no momento exato, impedindo -o de matar outra pessoa.

- Não atire! - gritou.

Todos se aproximaram para ver a causa dos tiros. Os emigrantes desceram de suas carroças, certos de que os tiros tinham algo a ver com os companheiros que haviam ido comprar mantimentos.

Jeff girou sobre os saltos de suas botas, abandonando a idéia de matar Mike, e fez sinais a seus amigos, que imediatamente sacaram os revólveres.

Os companheiros dos mortos, gente de paz, estavam perplexos, aterrorizados mesmo, não querendo acreditar no que viam.

Um homem chegou correndo. Usava a estrela de xerife sobre a jaqueta. Olhou para os cadáveres e em seguida, fitando Jeff, indagou:

- Que aconteceu?

- Insultaram-me. O louro disse que eu era covarde.

- E é! - exclamou Mike com voz estrangulada.

- Matou-os a sangue frio! Não lhes deu oportunidade de se defenderem, e eles não esperavam que você fosse atirar!

Jeff apertou os dentes, levantando ligeiramente o revólver e ameaçando:

- Vou matá-lo!

- Quietos, Jeff - atalhou o xerife. - Não quero mais sangue.

Houve um prolongado silêncio. Mike se aproximou lentamente de onde jazia o cadáver de seu irmão. Sentia uma grande dor no peito.

- Assassino... Assassino - repetiu debilmente, entre soluços.

O xerife estalou a língua e disse aos agricultores:

- É melhor que continuem o caminho.

- Não vai prender esse assassino? - indagou Mike, apontando Jeff.

Jeff soltou uma gargalhada e exclamou:

- Vamos, rapazes! Estou faminto e temos que chegar cedo ao rancho.

Mike começou a correr em sua direção, mas um agricultor o segurou.

- Deixe-o, Mike, já não há mais remédio.

Jeff e os outros montaram seus cavalos. Betsy subiu à charrete. Seus olhos se detiveram um momento no rosto de Mike, que involuntariamente fora o causador da tragédia.

- Que espera, Betsy? - gritou Jeff. - Vamos logo!

Betsy pôs o cavalo em marcha e os cinco cavaleiros partiram logo atrás.

O xerife coçou a orelha e informou:

- Cuidarei dos corpos. Serão enterrados por conta da cidade.

- Eu cuidarei de meu irmão - retrucou Mike.

- Compre uma garrafa de uísque com o dinheiro que economizará e beba à saúde de seu assassino.

O xerife mordeu o lábio inferior, mas não disse nada.

Mike, ajudado por outro agricultor, levou o cadáver de seu Irmão para a primeira carroça da caravana.

Uma hora depois, Mike cravava uma cruz na sepultura que haviam cavado no cume de uma colina, de onde se via o povoado de Safford.

O sol já se punha e o céu parecia tinto de sangue.

Os lavradores que haviam ajudado Mike no enterro voltaram às suas carroças.

Então Mike, com os olhos cheios de lágrimas, louco de fúria, levantou o punho cerrado e olhando as casas de Safford, exclamou: - Eu juro, Johnny,..! Algum dia voltarei!

Dez anos se passaram.

Sam Murray levou o copo aos lábios e bebeu o seu conteúdo, estalando a língua.

- Não é esse o vinho de que lhe falei, Jeff - declarou, fitando o seu filho mais velho, sentado à sua frente.

- Sim, eu imaginei que não gostaria desse. O outro acabou e ainda não trouxeram nova remessa. Só chegará dentro de duas semanas. Nick afirmou que esse era tão bom quanto o outro.

Nick, sentado à direita de seu pai, limpou os lábios com o guardanapo e disse:

- Bem, acho que afinal não tem tanta importância. É um vinho bom. É preferível a beber água.

Sam Murray tinha cinquenta anos, seus cabelos eram grisalhos e os olhos cinza. Olhou para- a garota que se sentava à sua esquerda e indagou:

- Ouviu, Betsy? Nick quer que todos bebam. Betsy acabara de fazer vinte e três anos. Era bonita e seu rosto tinha formato ovalado. Os homens não sabiam o que nela era mais bonito: se os olhos azuis, grandes e rasgados, ou os lábios vermelhos e polpudos. Além disso, tinha cabelos compridos e nariz muito bem feito.

- Nick quer que todos sejam como ele - retrucou. - E não pensa que os gostos podem ser diferentes. Nick despreza a todos que não têm a mesma opinião que ele.

Sam franziu a testa.

- Betsy, de acordo com o que disse, acha que Nick a despreza?

- Não disse isso, mas acho que Nick deveria ter mais cuidado quando se referir ao gosto dos outros.

Nick soltou uma gargalhada.

- É melhor não discutir com ela, papai - disse.

- Betsy tem uma maneira de pensar diferente da nossa. Chega ao cúmulo de se irritar quando um vaqueiro pisa uma margarida silvestre.

- E por que pisar a pobre margarida, se se pode passar por cima? - indagou Betsy.

Um criado negro entrou na sala e colocou uma bandeja de frutas sobre a mesa.

- Não gosto que discutam - disse Sam, com serenidade, espetando uma maçã com a ponta da faca. - A família Murray deve continuar unida. Oh, sei que você não é uma Murray, Betsy, mas afinal, é como se o fosse. Há quinze anos que está conosco, que diabo!

- Um brinde à família Murray! - exclamou Jeff.

Sam sorriu.

Assim é que gosto - disse. - Ninguém poderá conosco enquanto nos mantivermos unidos. Somos os mais fortes e ninguém conseguirá nos vencer!

- Nunca! - corroborou Nick.

Levantaram os copos e os bateram levemente. Betsy os observou enquanto bebiam.

Um vaqueiro entrou na sala, visivelmente excitado.

Sam levantou o olhar e indagou:

- Que há, Nash?

Nash deu algumas voltas no chapéu que tinha nas mãos e respondeu:

- Henry Sanders outra vez, patrão.

- Que foi agora? - indagou.

- Esvaziou um dos poços de água, o que fica ao norte da Pradaria Vermelha. Há mais de uma semana que não levávamos o gado para lá, mas essa manhã, Connelly levou o rebanho para perto dos limites das terras de Sanders. O gado não pôde beber e tivemos que levá-lo para o Vale do Silêncio.

- Aquele cão! - exclamou Nick.

Sam semicerrou os olhos, murmurando:

- Ele se atreveu... Tinha me ameaçado há um mês atrás, quando nos encontramos na cidade, mas pensei que tudo não passasse de bravatas.

- Olhou para os filhos e disse: - Temos que lhe dar uma lição.

Jeff e Nick fitaram o pai por alguns instantes. Sam, então, sorriu e os filhos o imitaram.

- Não se preocupe, papai - disse Jeff. - Sanders terá notícias nossas antes do pôr-do-sol.

Betsy se levantou e inquiriu:

- Que vai fazer?

- Não é de sua conta.

Betsy olhou para Sam e exclamou:

- Não permita!

Sam a fitou. Cortou um pedaço da maçã que espetara e o levou a boca. Também não retrucou.

Os dois irmãos se levantaram e saíram. No pátio, cinco vaqueiros os esperavam.

- Rapazes! - exclamou Jeff. - Vamos fazer uma visita a Sanders. Será uma grande festa e aposto como nenhum de vocês querera perdê-la.

Jeff e Nick montaram seus cavalos e pouco depois o grupo cavalgava em direção a norte.

O rancho de Sanders ficava a uns quinze quilômetros do de Murray.

Quando chegaram à porteira de entrada, um homem com um rifle na mão os mandou parar.

- Que querem? - indagou.

- Ver seu patrão - respondeu Jeff. - Um vaqueiro nos informou que ele tem um bom reprodutor à venda e vimos ver se nos interessa.

- E para que tantos homens? - indagou o guarda, olhando com suspeita para os vaqueiros que acompanhavam Jeff.

- Todas as precauções são poucas - respondeu Jeff. - Os ladrões que nos tentaram assaltar na semana passada estão furiosos, pois matamos dois de seus companheiros. Não soube do que aconteceu?

O sentinela se deu por satisfeito.

- Está bem, entrem - autorizou.

O grupo seguiu caminho até a casa grande e de detiveram frente à porta. Alguns vaqueiros que trabalhavam por perto ficaram olhando o grupo.

Jeff disse em voz baixa:

- Nick e eu entraremos na casa. Protejam-nos. Liquidaremos esse assunto em pouco tempo. Depois que o barulho começar, não deixem que ninguém entre na casa. Entenderam?

- Sim - respondeu Nash.

Jeff e Nick saltaram de seus cavalos e subiram a escada que dava à varanda. Um homem estava sentado perto da porta, trabalhando um pedaço de madeira com uma pequena faca.

- Bem que senti um mal-cheiro - disse. - Agora sei qual era a razão, vocês estavam por perto.

Jeff empalideceu.

- O único porco que há por aqui é você, Keel- retrucou. - E qualquer dia destes eu o farei se arrepender do dia em que nasceu.

Keel levantou os olhos, sorrindo ironicamente.

- Quando será isso, Jeff? - inquiriu. - Há muito que espero esse momento.

- Talvez seja mais cedo do que você pensa. Se eu o vir conversando novamente com Betsy, meto-lhe uma bala na cabeça.

- Você é um fanfarrão. A única coisa que sabe fazer é falar como uma velha.

- Não tenho tempo para discutir com você agora. Queremos ver seu patrão.

Keel se levantou e abriu a porta, fazendo uma reverência irônica e dando-lhes passagem.

- Tomara que Sanders lhes cuspa no rosto - disse.

Os dois irmãos entraram na casa. Atravessaram o vestíbulo e chegaram a uma sala, onde Sanders estava.

Henry Sanders alçava pelos cinquenta anos. Era de estatura mediana, pernas curtas e arqueadas e rosto anguloso.

Estava de pé, procurando algum livro na pequena biblioteca, quando ouviu passos às suas costas e se voltou.

Franziu a testa ao reconhecer seus visitantes. Estes avançaram até ele e pararam a pouca distância.

- Boa tarde - disseram em uníssono.

- Boa tarde - retrucou Henry. - Que os trouxe por aqui?

Jeff cruzou os braços e respondeu:

- Papai não gostou do que fez.

- Não sei de que está falando.

- Deixe de ser hipócrita, Sanders! Não nos engana.

- Não entendo...

- Secou o poço do norte.

- Devem estar enganados. Jamais dei tal ordem a meus vaqueiros.

- Connly levou um rebanho para lá e encontrou poço vazio.

Sanders sorriu afetuosamente.

- Bem... isso não significa que eu tenha feito tal coisa - disse.

- Você sempre se achou com direito a esse poço. Inclusive, no tribunal, alegou que o poço estava em suas terras.

- E é verdade. O poço é meu. Mas o juiz achou que não e eu respeito a sua opinião.

- Mentira! - exclamou Jeff. - Quando o julgamento terminou, você ameaçou papai, dizendo que fecharia o poço.

- Lembro-me perfeitamente de que lhe disse algo parecido, mas devem convir que, naquela hora, eu estava irritado com a decisão do juiz. Depois, logo que cheguei em casa, compreendi que não valeria a pena discutir com os vizinhos por a porcaria de um poço. Renunciei, apesar de que com isso perdi alguns alqueires de pasto. Vocês sabem o que isso significa.

Silêncio.

Nick, notando a hesitação de Jeff, provocou:

- Você gostaria de que fôssemos embora agora, Sanders, e quando isso acontecesse, chamaria os seus vaqueiros e lhes contaria uma história idiota para que pensassem que viemos provocá-los.

- Escute uma coisa, Nick. Você age sempre com má intenção - acusou Sanders. - Todos que o conhecem sabem perfeitamente como você é mau.

Por isso é incapaz de admitir que uma pessoa como eu deseje a paz. Mas embora você não acredite, é o que quero. Não permitirei que os homens se matem por uma causa injusta e idiota. Peço que transmita esse meu desejo a seu pai. Se nos respeitarmos mutuamente, poderemos prosperar.

- Já está sentindo o peso da idade, hem? - disse Nick, não se perturbando com o que Henry dissera a seu respeito. - Por isso, ao invés de nos enfrentar cara a cara, recorre a procedimentos baixos, como acabou de fazer, secando o poço.

- Já disse o que tinha a dizer - retrucou Sanders seriamente. - Eu não darei o primeiro tiro. Talvez você tenha razão quanto ao que disse a respeito de minha idade, mas isso não me fará renunciar à luta. Não sairei dos limites de meu rancho, mas tão pouco permitirei que um estranho me venha ofender em minha própria casa.

- Ouviu, Jeff? Sanders começou a ser compreensivo.

- Conhecemos uma maneira para que não haja luta entre nós, Sanders - disse Jeff.

- Sabia que vocês acabariam entendendo - retrucou Sanders. - Fico contente...

- É isso que faremos, Sanders. Vamos nos entender. Mesmo porque você não poderá nos fazer nenhum mal, pois vai morrer.

Um longo silêncio sobreveio àquela afirmação.

- Está louco! - exclamou Sanders.

Jeff e Nick sacaram os revólveres.

Sanders tentou sacar também, mas antes que conseguisse, sentiu o chumbo entrar em sua carne e caiu ao chão.

A porta se abriu e Keel entrou correndo.

- Quietos, Keel - avisou Jeff. - Se fizer qualquer movimento eu o mandarei ao inferno, junto com o seu patrão.

Keel se deteve, abrindo os braços, enquanto olhava para o cadáver de Sanders.

- Isso foi um assassinato! - exclamou. - Mais um crime a aumentar a lista dos Murray.

- Está enganado, rapaz - retrucou Nick. - Note que o revólver de seu patrão está no chão. Você mesmo reconhecerá isso mais tarde. Não tivemos tempo de apanhá-lo e colocá-lo no chão. Estávamos conversando a respeito da compra de um reprodutor e ele começou a nos ofender, dizendo que preferiria dá-lo de presente a qualquer pessoa a fazer negócio conosco. Sabe como ele nos odiava.

Jeff retrucou algo e então ele sacou o revólver. Teria nos matado se não fôssemos mais rápidos.

- Lembre-se, Keel - começou Jeff. - Você entrou logo após ouvir os tiros e viu o revólver ao lado do corpo. Não se esqueça de contar esse detalhe ao xerife.

E os dois irmãos, deixando Keel aparvalhado, saíram da casa e se reuniram aos vaqueiros do lado de fora.

Alguns vaqueiros haviam se aproximado, os homens de Murray os mantinham afastados.

Os Murray montaram seus cavalos e Jeff exclamou:

- Vamos rapazes! De volta ao rancho!

E galoparam em direção ao rancho "Três Colinas".

CAPITULO 3

Robert Keel se esgueirou, amparado pelas sombras da noite, até a casa onde os Murray moravam. Parou atrás de um grande carvalho, de onde via a luz através das janelas.

Pouco depois alguém correu, vindo da parte de trás da casa, em sua direção.

- Olá, Betsy!

- Não devia ter vindo, Bob.

- Por quê? Hoje não é domingo?

- Estou muito nervosa. Desde que Sanders morreu...

- Ora, esqueça isso. Já faz quinze dias.

- Cada vez fico mais nervosa. Quase não aguento mais ficar dentro dessa casa.

- Não sabe por quanto tempo esperei que você dissesse isso, Betsy. Por que acha que suportei ficar aqui? Vamos nos casar! Será uma nova vida para nós dois, em outro lugar, longe disso tudo!

- Não, Bob, não me fale nisso agora.

- Por que não? Você tem direito a ser feliz e nunca o será enquanto estiver aqui.

- Mas minha obrigação é ficar com eles.

- Com essa pobre paralítica? Já fez muito por ela, Betsy. Não pode sacrificar toda a sua vida. Corte de uma vez os elos que a prendem aqui e venha comigo!

- Não, Bob. Não devo fazer isso agora. Acha que posso abandonar Mona? Eu ficaria com remorso pelo resto de minha vida. Ela só tem a mim.

- Sam é marido dela! Jeff e Nick são filhos! Que cuidem dela então!

- Eles já têm muito trabalho no rancho.

- Sabe que isso não é verdade. Por que os defende, então?

Após um silêncio, Betsy respondeu:

- Talvez seja porque vivo com eles há bastante tempo.

- Sim. E sofreu bastante também. Se não se decidir agora, depois será tarde.

- Nunca será tarde. Deus queira que Mona viva muitos anos mais, mas no dia em que ela morrer eu partirei desta casa.

- Nossa Mãe! - exclamou Bob. - Será que a minha felicidade dependerá da morte de uma pessoa?

Betsy segurou a mão de Robert.

- Você é muito bom para mim, Bob. Não sei o que teria sido de minha vida se não fosse você.

- Não quero que me agradeça, Betsy.

- Por favor, Bob. Não me faça sofrer com as suas palavras. Nós nos casaremos, prometo. Mas temos que esperar algum tempo mais.

O rosto de Robert se iluminou.

- Sério, Betsy? - inquiriu.

- Claro!

Ficaram em silêncio durante algum tempo e Robert aproveitou para dar um beijo em Betsy. Quando se separaram, ela perguntou:

- É verdade que terá uma patroa agora?

- Sim. Eu nunca imaginei que Sanders tivesse uma filha.

- Foi muito justo por parte dele nomear a filha como única herdeira. Quando chegará?

- Daqui a dois dias. Acho que não ficará muito tempo. Deverá vender o rancho e partir novamente.

- Sam está disposto a fazer uma boa oferta.

- É o que eu temo. Se isso se realizar e ele conseguir o rancho, terei que ir embora.

- Para onde?

- Não tenho alternativa. O único meio de estar perto de você é ficar na cidade. Estive economizando algum dinheiro... Para o caso de que nos casássemos. Mas como, ao que tudo indica, terei que esperar mais algum tempo, empatarei meu dinheiro numa ferraria na cidade. Sei como fazer o trabalho e acho que me darei bem.

- Tenho que entrar agora, Bob.

- Mais uma semana de ansiedade - lamentou Bob, dando um suspiro.

- Não se queixe - disse Betsy beijando-o. - enquanto a semana passa, eu permito que olhe para as outras garotas.

- Existem outras? - Betsy riu e retrucou:

- Boa noite, Bob.

Robert tentou segurá-la para lhe dar mais um beijo, mas Betsy se afastou correndo.

Entrou na sala onde Sam lia um jornal de Los Angeles e Nick e Jeff se enfrentavam num jogo de damas.

O velho Murray afastou o jornal e indagou:

- Onde estava, Betsy? Mandei que Tom a chamasse, mas ele não a encontrou.

- Está uma noite maravilhosa e saí para dar uma volta - respondeu Betsy.

Jeff também a fitou.

- Acho bom você perder essa mania - disse. - As vezes, à noite, encontramos coisas desagradáveis em nosso caminho.

- E que devo temer encontrar dentro do próprio rancho dos Murray - retrucou Betsy.

Sam riu.

- Que responde a isso, Jeff? - indagou Jeff sorriu e replicou:

- Betsy é muito inteligente e não se pode competir com ela no plano da perspicácia.

- Também acho - concordou Sam. - As vezes penso que ela deveria ter sido minha filha também.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

